



Jornalista Moçambicano Previa

“Samora um alvo possível”

POR CARLOS CARDOSO (AIM)

O jornalista da AIM, Carlos Cardoso, num artigo de 15 de Outubro (quatro dias antes da morte do Presidente Samora Machel) jogando com informações que tinha em mão previa a possibilidade de assassinato do Presidente Samora Machel. Esse artigo, escrito para publicação no exterior, rodou mundo, foi citado, transcrito, comentado e, após a confirmação do trágico acontecimento, tornou-se, indubitavelmente, num artigo histórico. Esta a razão porque o transcrevemos aqui, na íntegra.

A este artigo segue-se um texto reproduzindo declarações de alguns dos sobreviventes do trágico despenhamento, que acusam as autoridades sul-africanas de não terem prestado assistência imediata a alguns dos feridos, preocupando-se antes em recolherem pastas com documentos espalhados pelo local. Um terceiro texto, dá conta das reacções internacionais às circunstâncias da queda do avião em que morreu o Presidente Samora Machel.

O Presidente Samora Machel poderia vir a ser um dos alvos da hierarquia militar sul-africana no caso de as forças armadas da África do Sul concretizarem a ameaça de Malan de uma agressão directa a Moçambique.

Observadores em Maputo afirmam que o assassinato do líder moçambicano parece estar na agenda dos chefes militares sul-africanos, havendo já alguns indícios públicos disso.

Na sua ameaça a Moçambique, terça-feira da semana passada, o Ministro da Defesa da África do Sul, Magnus Malan, declarou: «Começa a parecer que o Presidente Machel perdeu o controlo da situação». Mais adiante, Malan ameaçava que se o Presidente moçambicano «escolher o terrorismo e a revolução a África do Sul reagirá adequadamente».

Toda a ameaça de Malan era dirigida contra Samora Machel, ao

contrário do que acontecia no passado quando ataques verbais dos chefes militares sul-africanos eram dirigidos ao Governo moçambicano ou a Moçambique.

Quarta-feira da semana passada, o Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Ron Miller — um político conotado com a facção militar do regime sul-africano — reiterou as ameaças de Malan, apontando também o dedo ao líder moçambicano.

Seguiu-se então uma campanha na imprensa, rádio e televisão sul-africanas com dois sentidos fundamentais: contra Samora, e por uma intervenção directa das forças armadas da África do Sul em Maputo.

A rádio do Governo, a SABC, por exemplo, divulgou amplamente uma notícia de fontes duvidosas que procuravam implicar directamente Samora Machel com o grupo armado FP-25 de Portugal,

presentemente com membros seus a serem julgados em Lisboa acusados da prática de terrorismo, sem dúvida, um passo no sentido de equacionar Samora Machel com pessoas como o Coronel Kadhafi que, aos olhos do Ocidente, surge como um «promotor do terrorismo internacional», sem dúvida uma forma clássica de fazer anteceder um assassinato por uma campanha de propaganda que leve a aceitação pública do assassinio.

No outro sentido, o da intervenção directa, há inúmeros exemplos.

O jornal governamental «Citizen», de Joanesburgo dizia sexta-



General Malan

«Toda a ameaça de Malan era dirigida contra Samora Machel, ao contrário do que acontecia no passado quando ataques verbais dos chefes militares sul-africanos eram dirigidos ao Governo moçambicano ou a Moçambique»



«Slovo não vive em Maputo e as suas visitas a esta cidade são do domínio público, ao contrário da aura de clandestinidade com que a imprensa sul-africana tem rodeado a ligação Slovo-Maputo»

-feira haver na capital moçambicana alvos do ANC claramente identificáveis que podiam ser «atacados» pelas forças armadas da África do Sul, sugerindo assim que tal viesse a acontecer.

Domingo, dois artigos no «Sunday Times» de Joanesburgo, faziam acentuar em Maputo esta leitura das ameaças sul-africanas.

Um dos artigos dizia que Joe Slovo, líder do Partido Comunista da África do Sul e Chefe do Estado-Maior do Umkhonto We Sizwe — braço armado do ANC — «reside permanentemente em Maputo há dois anos».

No passado, todos os raids sul-africanos a Maputo foram antecedidos de campanhas de preparação da opinião pública sul-africana e internacional baseadas em acusações sobre a existência de «bases do ANC» na capital moçambicana e sobre a presença de Slovo em Maputo.

Slovo não vive em Maputo e as suas visitas a esta cidade são do domínio público, ao contrário da aura de clandestinidade com que a imprensa sul-africana tem rodeado a ligação Slovo-Maputo. Numas das suas últimas passagens pela capital de Moçambique, ele

deu uma palestra sobre a sua mulher, Ruth First, assassinada em 1982 pelos Serviços de Inteligência Militar da África do Sul. No fim da palestra ele foi cumprimentado por muitas pessoas, entre elas o Sr. Paterson, representante comercial do Governo de Pretória em Maputo.

Mas o mesmo artigo ia mais longe. Afirmava que «fontes sul-africanas dizem que Slovo, operando do seu apartamento na Avenida Julius Nyerere, está de novo por detrás do aumento das actividades terroristas do ANC».

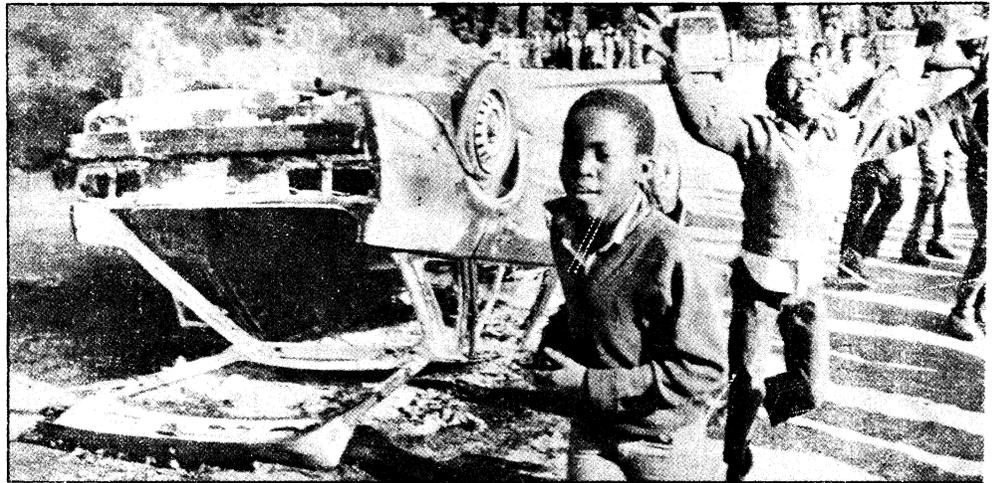
Acontece que quem vive e trabalha na Julius Nyerere — que possa ter algum significado para Pretória — é o próprio Presidente Samora Machel.

No que diz respeito a um ata-

operações lançadas pelos bandidos armados, dizendo que as suas acções têm aumentado substancialmente para concluir: «é claro que é a RENAMO a ditar o curso da guerra».

E depois adiantava: «analistas militares sul-africanos afirmam que as hipóteses, a curto e médio prazos, de a RENAMO conquistar um lugar num futuro Governo moçambicano ou de obter uma vitória militar total, são excelentes».

A anteceder isto, houve trabalho semelhante no resto da imprensa do «establishment» sul-africano — já não mais liberal desde a imposição da censura —, com o mesmo tom: o Governo de Moçambique está para cair. O primeiro Malan viria a afirmar quarta-feira



«Quanto à tese de Pretória de que o perigo para o regime vem de fora — «bases do ANC» em Moçambique ou no Zimbábue — ela tem poucas possibilidades de singular no Ocidente agora que o vulcão popular interno não dá mostras de poder apagar-se sem o fim do apartheid»

que directo a Maputo, este artigo dizia, entre outras coisas, que «Pretória... insiste que o ANC está a operar impunemente a partir da capital moçambicana».

O artigo, assinado por Stephan Terblanche — pessoa ligada à Inteligência Militar, segundo fontes sul-africanas —, citava fontes militares sul-africanas e dizia: «Estima-se que a curto e médio prazos a RENAMO possa forçar o Governo de Machel a aceitar uma coligação».

O mesmo Terblanche escrevia, num outro artigo publicado na mesma edição do «Sunday Times» que, «de dia para dia a RENAMO está a ganhar a guerra». O articulista citava números — fornecidos pela Inteligência Militar — de

ra que «Moçambique está à beira do colapso».

Dedução lógica: para que isso aconteça basta que as forças armadas da África do Sul intervenham directamente ou aumentem ainda mais o seu apoio aos bandidos armados do MNR. É esta a mensagem que tem aparecido nos principais órgãos de informação da África do Sul. A correspondente da AIM em Joanesburgo confirmava segunda-feira que «a imprensa sul-africana criou este fim-de-semana um certo estado de espírito de que o Governo moçambicano está para cair».

A vida em Maputo decorre normalmente, isto é, sob as condições anormais de enormes dificuldades a que as pessoas se foram habi-

tuando e que já produziram um anedotário muito razoável. À noite, as pessoas juntam-se em casas de amigos com televisão para se deliciarem com o português «sui generis» do Coronel Odorico, a principal figura da telenovela brasileira «O Bem Amado» e a cidade acaba de festejar a subida de Moçambique ao Grupo «A» do hóquei mundial após a vitória por 3-0 sobre a Colômbia.

Quanto à guerra, ela voltou a ser «lá mais para norte». Notícias provenientes da Zambézia e de Tete dão conta da autêntica invasão que se operou a partir do Malawi nas últimas três a quatro semanas e que levou o Presidente zambiano Kenneth Kaunda a afirmar, domingo, após uma cimeira da Linha da Frente em Maputo, que se devia agradecer a Moçambique o facto de ter sido até aqui «tão paciente com o seu vizinho Malawi».

Digo «lá mais para norte» porque a situação militar e de segurança em Maputo melhorou substancialmente desde Março deste ano quando os bandidos armados sofreram algumas dezenas de mortos em incursões na zona periférica da cidade. A única «agitação» palpável na capital foi causada pelo anúncio sexta-feira e sábado de que «um grupo de comandos» proveniente da África do Sul já se tinha infiltrado para preparar uma acção directa pelas forças armadas da África do Sul.

Há também uma nova preocupação: o ressurgimento de acções de sabotagem sul-africanas contra a linha férrea Maputo - África do Sul.

Observadores em Maputo examinam a campanha de propaganda sul-africana precisamente à luz desta falta de ataques espectaculares por parte dos bandidos armados. Uma fonte governamental disse à AIM que «a Operação Maputo lançada pela África do Sul em 1984 falhou e agora querem envolver directamente as suas forças armadas».

Em Janeiro e Fevereiro de 1984, antes da assinatura do Acordo de Nkomati, e em violação de um «gentlemen's agreemen» entre os Governos moçambicano e da África do Sul, Pretória «despejou» cer-

ca de 2 mil bandidos armados a partir do leste do Transvaal directamente — e pela primeira vez — para a província do Maputo. O objectivo, segundo os dirigentes moçambicanos declararam na altura, era lançar um processo desestabilizador militar e psicológico em redor e dentro da capital, processo esse que levasse à queda do governo.

Até princípios de 1986 Maputo viveu realmente dias de preocupação profunda, com cortes frequentes da linha de Alta Tensão que transporta energia de Komatiport para Maputo, e com acções terroristas regulares nas zonas da Matola e Machava. Seguiu-se a colocação de minas nas praias e outros locais públicos da cidade. Mesmo nessas alturas a cidade não entrou em pânico e, actualmente, a situação é muito mais estável.

O que hoje preocupa os analistas locais é o conjunto de ameaças proveniente de Pretória. No passado, tais ameaças foram sempre seguidas de ataques directos, incluindo pela Força Aérea sul-africana.

Mais preocupante ainda é a possibilidade de, face à actual capacidade do ANC e do movimento de massas dentro da África do Sul, os chefes militares como Malan, Van Der Westhuizen, Viljoen e outros terem finalmente imposto a sua linha de pensamento e resolvam remover aquele que sem-

pre consideraram ser o maior obstáculo a uma África Austral em hegemonia sul-africana: O Presidente Samora Machel.

Qualquer ataque a Maputo que tenha por objectivo substituir o Governo moçambicano por um outro cliente de Pretória, ou qualquer acção militar que vise acentuar tragicamente a desestabilização de Moçambique no plano da condução política do país, tem de tomar em conta a necessidade de impedir um reagrupamento da Frelimo na mata para o lançamento de uma segunda guerra de libertação tem, portanto, que eliminar o homem que é o símbolo da resistência vitoriosa anticolonial e anti-rodésiana, e da actual luta política anti-apartheid em Moçambique: Samora Machel.

Que as chefias militares sul-africanas nunca aceitaram o acordo de Nkomati é hoje do conhecimento público. Os documentos da Gorongosa tornaram isso muito claro. Mas o equilíbrio em Pretória entre políticos pró-Nkomati e militares anti-Nkomati baseava-se no argumento falacioso, bastante alimentado pelo Ocidente, de que o pragmatismo de Samora Machel era, não a prática política do seu fortíssimo sentido de soberania e independência, mas a sua «inclinação» para o clientelismo em relação ao Ocidente — e, por tabela, a Pretória. Durante muito tempo, depois de Nkomati e particularmente após a visita de Samora Ma-

«Até princípios de 1986 Maputo viveu realmente dias de preocupação profunda, com cortes frequentes da linha de Alta Tensão que transporta a energia de Komatiport para Maputo, e com acções terroristas regulares nas zonas da Matola e Machava. Seguiu-se a colocação de minas nas praias e outros locais públicos da cidade»





«Durante muito tempo depois de Nkomati e particularmente após a visita de Samora Machel aos EUA em 1985 a imprensa sul-africana e ocidental apresentaram um presidente moçambicano pró-ocidental»

chel aos EUA em 1985, a imprensa sul-africana e Ocidental apresentaram um Presidente moçambicano pró-Ocidental» deseioso de encontrar um «patrão» algures entre Londres e Washington. Foi a fase dos elogios ocidentais ao líder moçambicano, inclusive, dos elogios de Pretória.

Mas todo o projecto hegemónico de Pretória que homens como Pik Botha pretendiam reconquistar pela via negocial, se esfumou. Samora Machel continuou a ser pró-moçambicano, ou seja, rejeitou a «acomodação política» com os bandidos armados que Pretória e alguns Governos Ocidentais tentaram (e tentam) impor como via para o fim da experiência de soberania de Moçambique, rejeitou aliar-se ao apartheid, e rejeitou desnacionalizar a Saúde, a Educação, a Terra, tidas como conquistas básicas do processo popular moçambicano e garantia da soberania.

Rompe-se, então, o equilíbrio entre «militares» e «políticos» — passe o simplismo da dicotomia. Cada vez mais analistas moçambicanos apontam para este facto: O poder político das chefias mili-

tares sul-africanas reside precisamente no facto de elas chefiarem processos de guerra e desestabilização, implicando um peso enorme no processo decisional de Pretória ao mais alto nível. Por outras palavras, sem a desestabilização de Moçambique, e de outros países da Zona, sem a ocupação militar da Namíbia e de parcelas do território angolano, sem a condução de acções de chantagem económica pela inteligência militar, os chefes militares perderiam o poder político em Pretória, ficariam desempregados. As guerras de agressão e desestabilização são, portanto, também produto de uma situação política específica dentro dos círculos de poder na África do Sul.

Hoje, Malan e os seus colegas nas Forças Armadas da África do Sul, parecem apostados numa operação que remove não só o obstáculo Samora Machel como o obstáculo que é a tentativa moçambicana de criar, no Terceiro Mundo, mais um estado soberano, independente, democrático e popular, um estado cujas decisões, correctas ou erradas, sejam tomadas na sua capital. É assim que mui-

tos moçambicanos analisam as mais recentes ameaças sul-africanas.

Há também a considerar a questão das sanções contra a África do Sul. No caso de elas virem a ser aplicadas Pretória tem que garantir que os estados do Norte continuem dependentes das suas linhas férreas e portos. Torna-se pois necessário eliminar a possibilidade da criação de estabilidade ao longo das linhas férreas moçambicanas.

Quanto à tese de Pretória de que o perigo para o regime vem de fora — «bases do ANC» em Moçambique ou no Zimbabwe — ela tem poucas possibilidades de singrar no Ocidente agora que o vulcão popular interno não dá mostras de poder apagar-se sem o fim do apartheid. Mas estas ameaças são, sem dúvida, mais uma tentativa de colar os governos ocidentais a essa tese.

Poucos países no mundo tiveram o seu nascimento como nações tão conturbado como Moçambique. Guerras de agressão, calamidades naturais sucessivas e vários erros graves de governação têm marcado a história moçambicana nos últimos onze anos mas não fizeram cair o Governo. E qualquer crise política que tenha afectado o Partido Frelimo não se traduziu pelas tradicionais lutas pelo poder e golpes de Estado que têm marcado a ascensão de África a um conjunto de nações unificadas e estáveis. Tirada a prova dos nove é um exemplo raro na história da criação das nações.

Mas a história da Frelimo encerra um exemplo do que procurei desenvolver neste artigo. Quando o regime colonial fascista português, em fins de 1968, começava a sentir que lhe fugia a condução do processo em Moçambique, deu-se, dentro de escassas semanas, o assassinato do Presidente Mondlane. As forças que o assassinaram procuravam, na eliminação do líder, eliminar as raízes da resistência anticolonial. Falhas de imaginação e verdadeiras a sua natureza criminosas, forças idênticas parecem hoje apostadas em fazer o mesmo na figura de Samora Machel. □